

CLASSE, IDENTIDADE E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS DOS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA PARA O ESTUDO DAS ELITES POLÍTICAS.

Luana Puppin Pratti ¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo revisar conceitualmente e metodologicamente as obras de Marx, Weber, Durkheim e Simmel, analisando as contribuições desses autores para o estudo das elites políticas. Primeiro, iremos esboçar a metodologia de análise da sociedade desses autores. Em seguida, abordaremos as noções de classe, identidade e estratificação social concebidas pelos mesmos. A formação da elite está ligada a formação do poder da classe, principalmente com o advento da formação do Estado Nação. O trabalho consiste mais em um esforço de compreender os clássicos da sociologia, do que nas definições das categorias sobre elites políticas.

Palavras-chaves: Classe. Identidade. Estratificação. Elite Política.

1 INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre elites políticas tem sido restritas devido os entraves conceituais para debater o tema. Tanto a conceituação para se definir o que é ou quem compõe a elite política, como questões metodológicas para verificar quais são os indivíduos que fazem parte desse grupo, não tem encontrado homogeneidade conceitual entre os estudiosos que propõem debater o tema na área da sociologia política.

Procurar entender o conceito de elites políticas², exige um esforço para compreender a organização e interação dos indivíduos que compõem a sociedade moderna. Para tal, recorremos às teorias sociológicas clássicas com o intuito de buscar na origem da sociologia definições que possam nos auxiliar a refletir sobre o tema.

Deve-se salientar que o esforço empregado neste trabalho se adequa mais a uma perspectiva de revisar conceitos já definidos e aplicá-los ao estudo de elites políticas, do que necessariamente definir categorias conceituais para elucidar o assunto. Sendo assim, examinaremos as abordagens metodológicas e teóricas de Durkheim, Weber, Marx e Simmel acerca da divisão social do trabalho e das interações sociais, e como estes aspectos da vida social, não só organizam as relações entre os indivíduos, como também define suas posições sociais e papéis a serem desempenhados, promovendo a diferenciação social e associação em grupos.

Ideias sobre classe, identidade e estratificação social, podem ser averiguadas nas obras dos autores citados acima. São essas noções que irão permitir uma

¹ A autora é doutora em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisadora do Centro de Estudos em Democracia e Instituições Políticas (CEDIP/UFES)

² Não vamos neste trabalho discutir os conceitos de elites políticas proposto pela literatura especializada sobre o tema. Apenas, devemos fazer a ressalva que, de modo geral, entende-se por elites políticas aqueles grupos formados por uma minoria de indivíduos capazes de se organizar através de qualidades sociais comuns a seus membros, os quais buscam dessa maneira orientar e defender seus interesses através da ocupação de espaços de poder no Estado, perspectiva adotada de modo geral por Mosca, Pareto e Michels (Perissinoto, 2009; Holanda, 2011)

reflexão sobre a constituição das elites políticas como um dos grupos sociais que orientam as ações dos indivíduos, o desenho institucional do Estado e o funcionamento de normas e leis que pautam a interação. Destacamos, que, estudar elites políticas pode mostrar pontos de mudanças na estrutura e organização social ao longo da história e por este motivo se faz necessário entender como se dá a formação das mesmas³.

Entretanto, antes de refletir sobre o aspecto proposto, retomaremos alguns pontos sobre o surgimento da sociologia como ciência e seu estabelecimento como disciplina acadêmica.

A obra “O suicídio” de Durkheim (2007) é uma demonstração aos leitores, como a sociologia pode vir a se tornar uma ciência pautada nos métodos das ciências naturais. De modo geral, Durkheim avalia que às transformações trazidas à sociedade pela revolução industrial torna-se objeto de estudo das ciências, e para melhor compreender tais transformações, a melhor maneira para fazê-lo é aplicando o método positivista usado nas ciências naturais, baseado na observação, indução e experimentação. É a partir desses últimos três aspectos que o fenômeno do suicídio na sociedade é avaliado.

O suicídio ocorre, segundo Durkheim, quando o indivíduo afrouxa a identidade e passa a interagir menos com o grupo social ao qual pertence. O indivíduo quando se sente mais integrado à sociedade comete menos suicídio. Sendo questão importante na obra de Durkheim para o estudo das elites políticas o que diz respeito a questão da identidade do indivíduo para pertencer a determinado grupo, ponto que será discutido a posteriori. Vale salientar que para Durkheim, a sociologia deveria ser objetiva, livrando-se das prenóções, com o exame dos fatos e sem julgamento moral dos mesmos.

Enquanto para Durkheim as ciências sociais devem ser neutras em suas análises, ao contrário, o método de Weber mostra que é difícil haver neutralidade no estudo da sociologia, pois a análise dos fenômenos sociais não é apenas objetiva, mas subjetiva também. Opostamente as ciências naturais, nas ciências sociais deve ser observada a ação subjetiva do indivíduo.

A ação social é o principal objeto de análise para Weber⁴. Na sociologia o sentido da ação deve ser compreendida dentro de um contexto. Essas ações serão guiadas de acordo com crenças, tradições, interesses ou emoções. Deve-se salientar, que só é possível haver ação social, se está é orientada para outro indivíduo. As formas de associação entre os indivíduos se dá devido aos interesses ao executarem uma ação. A ação movida por desejos e interesses tem um sentido subjetivo.

Para definir qual seria o objeto de estudo da sociologia, Simmel, salienta que a sociologia para se definir como ciência deve estabelecer seus limites. A sociologia não deve abranger tudo que se passa na sociedade, mas deve focar seus esforços em analisar as interações de suas partes nos eventos cotidianos. Em outras palavras, o objeto da sociologia é, para Simmel, principalmente as relações que se estabelecem entre os indivíduos, como esses indivíduos externam suas ações. O autor se ocupa de entender mais as formas como os indivíduos interagem para garantir sua existência, e menos na suas características materiais de organização.

³ Não iremos explicitar aqui a dicotomia existentes para a discussão das elites políticas como classe política. O objetivo é mostrar que a elite política pode ser considerada como classe quando seus representantes estão inseridos em determinadas estruturas de produção.

⁴ Ver: Weber, 1987; Pollak, 1996; Quitaneiro, 2003.

Para explicar fenômenos sociais, Simmel utiliza analogias com a biologia, arte, psicologia e geometria. Sua proposta é analisar as formas voláteis de socialização, em outras palavras, observar pequenos elementos que compõem a interação social (por exemplo festas, jogos, esportes) o que compõe uma análise microsociológica. Da perspectiva desse teórico o olhar do sociólogo deve ver no singular o universal, esses pequenos elementos analisados com o olhar voltado para o micro, seriam reproduzidas em escalas macro.

Por último, deve-se ressaltar a contribuição de Marx para a construção da sociologia como disciplina e a aplicação do seu método para a observação e estudo da sociedade e das relações entre os indivíduos.

Marx vincula o estágio material da sociedade ao curso da história: as condições dadas afetam o comportamento dos indivíduos. Na obra “18 Brumário de Luis Bonaparte” salienta que: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.” (Marx, 1852 p. 2). Com essa ideia, enfatiza o uso do materialismo histórico-dialético como principal método de análise para a produção social. Sendo assim, as relações sociais seriam construídas a partir da posição do indivíduo na estrutura de produção.

Após a revisão dos principais pontos metodológicos das ciências sociais, é possível esclarecer que a sociologia como ciência é pautada em dois vieses principais. O primeiro incorpora o estudo da sociedade como uma observação da subjetividade das ações dos indivíduos. O outro viés estaria conectado a aspectos objetivos da experiência social, de acordo com a posição dos indivíduos em determinadas estruturas sociais e o desempenho de suas funções dentro dessa estrutura.

2. DESENVOLVIMENTO

Quando estudamos características sócio-econômicas dos representantes políticos, estamos, de certa maneira, observando os níveis de estratificação social que diferenciam os indivíduos que fazem parte desse grupo. Uma das questões para reflexão sobre esse tema é que em grupos políticos democraticamente eleitos a estratificação social deveria ser mais heterogênea. Contudo, pesquisas⁵ que analisam o perfil social e econômico de representantes eleitos, mostram que esses indivíduos possuem características e qualidades semelhantes, o que os permite fazer parte da classe política e criar uma identidade de classe.

O trabalho é uma categoria que regula o funcionamento e organização da sociedade moderna⁶, traça as maneiras de relações sociais e o modo como a vida se manifesta em grupo. É essa categoria chave – a do trabalho – que pauta as discussões teóricas de Marx, Weber e Durkheim.

Do ponto de vista durkeimiano, a divisão social do trabalho, atribui a cada indivíduo uma função social. A ideia é que assim, a sociedade, funcionaria como um organismo: cada um desenvolvendo seu papel em determinados limites, porém com interação com as demais partes.

⁵ No Brasil as pesquisas de Leônicio Martins Rodrigues (2002, 2014) sobre elites políticas comprovam essa afirmação.

⁶ Aqui devemos considerar como sociedade moderna o impacto das transformações sociais e econômicas no modo de vida dos indivíduos pós revolução industrial e a influência da formação do Estado Nação na organização social e luta pelo poder e direção do estado.

As classes sociais tornam-se um fenômeno devido a divisão social do trabalho e dos aspectos de coesão social baseados na solidariedade entre os indivíduos. A formação de associações se daria pelo fato de que as pessoas não possuem todas as habilidades possíveis para garantir sua existência, assim se unemumas às outras para associar habilidades diversas e garantir a sobrevivência na ordem social. A solidariedade não é um valor moral, mas é uma ação objetiva de interação. A solidariedade orgânica integra os indivíduos de maneira interdependente, desse modo, incentiva as formas associativas de organização social.

A sociedade funciona bem e está em equilíbrio quando os indivíduos têm consciência de sua posição (seu lugar social) e exercem em de acordo com normas, regras e determinados limites as atividades pelas quais são responsáveis. O exercício de determinada ocupação identifica os indivíduos dentro de uma comunidade e os permitem fazer parte de um grupo.

O pertencimento a um grupo social se dá pelo compartilhamento de ideais, crenças, valores, interesses e qualidades comuns entre aqueles que o compõe. Fazer parte de um grupo cria uma distinção personalísitica entre os indivíduos, assinalando suas atribuições coletivas e posição no ambiente social (por exemplo nas cidades ou na indústria).

Para Marx a desigualdade social efetua-se através do trabalho. O trabalho é dividido entre aqueles que possuem os meios de produção e aqueles que produzem os meios materiais de sobrevivência. Enquanto os membros do primeiro grupo possuem formas de exercer o poder e a dominação, os do segundo, devem resistir a opressão. Essas posições diferentes culminam em conflitos, o que caracteriza, na acepção de Marx, a luta de classes.

Na obra “18 Brumário” (1852), Marx analisa as mudanças sociais ocorridas na França em meados do século XIX, resultante do golpe proferido por Luís Bonaparte. Tal atitude é marcada pela formação de grupos de poder político e econômico, que ocasionam na ascensão da burguesia em espaços políticos do estado (os membros da burguesia ocupam vagas no parlamento, tornando-se representantes de seu próprio interesses). Enquanto a burguesia ganha espaço na esfera da representação política, outros grupos ficam alijados do processo, sendo o campesinato e o operariado não representados politicamente nesse momento da história descrito por Marx.

Outra perspectiva sociológica da esfera do trabalho e de seu impacto no ambiente social, pode ser visto em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (1987 [1904]). Nessa obra, Weber assegura que a separação das oficinas do ambiente familiar inaugura um novo modo de produção e uma nova forma de organização social.

Além do mais, com o estabelecimento dos limites entre a esfera do trabalho (vida pública) e a esfera da vida familiar (vida privada) a organização da vida social passa a ser sistematizada e racionalizada. Nesse sentido, se dá o aumento da especialização das funções, e a expansão da diferenciação entre os indivíduos.

Um dos aspectos fundamentais nos autores citados sobre a divisão do trabalho social é que a ocupação do indivíduo determina sua função social, sua posição social, seu prestígio social e sua maneira de existir e interagir. Confere também identidade e personalidade ao indivíduo.

O ofício identifica o indivíduo estabelecendo quais regras deve seguir, suas maneiras de agir e os interesses a defender. O indivíduo se identifica com outros membros da sociedade, pois exercem atividade semelhantes, ocupam o mesmo

espaço social, partilham princípios morais e éticos equivalentes e defendem interesses (econômicos ou políticos) semelhantes. É a identificação de uns com os outros, que permite a organização dos membros da sociedade em grupos.

Do ponto de vista de Simmel, as grandes cidades tornam as interações mais racionais, no sentido em que suas relações são pautadas na troca, no comércio e nas relações do capital. Essa relação de mercado acaba por invadir os espaços individuais, particulares e de família. A divisão do trabalho social também auxilia nessa modificação das relações. As relações passam a ser mais organizadas no sentido da burocracia e em menor escala no sentido afetivo.

O grupo protege a existência do indivíduo, o diferencia e confere sentido a sua existência. Vale ressaltar que nas sociedades tradicionais o grupo era a família ou a religião, nas sociedades modernas o agrupamento social é transferido para a profissão/ocupação. Deve-se atentar para o fato de que os grupos sociais se diferenciam de acordo com sua capacidade produtiva e especialização.

É necessário enfatizar, que mesmo sociedades tradicionais e agrícolas possuíam algum tipo de divisão social (em casta ou estamentos por exemplo)⁷, mas é a ascensão política da burguesia⁸ que inaugura a organização da sociedade num sistema de classes.

De modo geral, podemos definir classe social como um grupo de indivíduos que usufruem de qualidades comuns no que diz respeito a escolaridade, renda/patrimônio e estilo de vida. A classe também pode ser detectada a partir de crenças, interesses e valores.

A construção do Estado Nacional permite compreender a formação da elite política, visto que a racionalização e a burocracia desses estados exigem que seus dirigentes sejam especializados em suas funções. As estratégias da elite política para alcançar o poder e manter-se nele dependeu da conjutura de cada estado nação⁹.

A centralização política, foi resultado da ação de cada grupo social inseridos num determinado território. Weber mostra as contradições internas das classes dominantes e como isso se torna um perigo para a consolidação do estado.

Segundo Weber, a dominação, é consequência do uso do poder e se dá em vários níveis de relações sociais. A ideia é dos tipos puros de dominação sendo utilizados para dirigir as ações e relações dos indivíduos.

Os tipos ideais de dominação são divididos em três: racional, tradicional e carismático. O poder político da elite na sociedade moderna, irá se manifestar através das instituições dessa sociedade, por exemplo no parlamento.

De acordo com Weber, a noção de classe, deve estar relacionada aos tipos ideais, ou seja, seus limites não são tão claros e a classificação em tipos ideais se dá mais para compreender a realidade, que a realidade em si mesma.

Do ponto de vista weberiano, as classes sociais estão mais ligadas a aspectos sociais que promovem algum tipo de *status* e prestígio ao indivíduo, por exemplo a profissão, o nível de escolaridade e/ou o cargo ocupado em ambientes

⁷ Não cabe neste trabalho analisar cada uma dessas categorias, basta saber que as castas existem em sociedades mais fechadas e se formam a partir da hereditariedade e das posições sociais, havendo praticamente nenhuma mobilidade social. Os estamentos ocorrem em sociedades mais ou menos fechadas (por exemplo onde existe regimes aristocráticos), essa divisão social é marcada pela desigualdade.

⁸ como discutido por Marx no 18 Brumário.

⁹ Weber (1987b [1904]), Pollak (1996)

profissionais¹⁰. De todo modo, em pesquisas sobre elites políticas, identificar classes como tipos ideais permite a verificação de características gerais do grupo em análise.

A noção de Marx sobre as classes sociais, contrariamente a noção de Weber, está relacionada a posição do indivíduo no sistema de produção. Essencialmente, as classes são divididas entre detentores dos meios de produção e produtores. Portanto, nesse aspecto, a classe é definida pelas condições de produção material e riqueza. As classes sociais surgem quando um grupo social se apropria das forças ou meios de produção e se torna proprietário dos instrumentos de trabalho.

Para que a classe economicamente dominante (por exemplo a burguesia), seja também, politicamente dominante é preciso que se faça representar na esfera política por indivíduos que defendam seus interesses econômicos, somente dessa maneira, pode-se considerar classe como elite política.

Ela acredita (*a burguesia*¹¹) pelo contrário, que as condições especiais para sua emancipação são as condições gerais sem as quais a sociedade moderna não pode ser salva nem evitada a luta de classes. Não se deve imaginar, tampouco, que os representantes democráticos sejam na realidade todos shopkeepers (lojistas) ou defensores entusiastas destes últimos. Segundo sua formação e posição individual podem estar tão longe deles como o céu da terra. O que os toma representantes da pequena burguesia é o fato de que sua mentalidade não ultrapassa os limites que esta não ultrapassa na vida, de que são consequentemente impelidos, teoricamente, para os mesmos problemas e soluções para os quais o interesse material e a posição social impelem, na prática, a pequena burguesia. Esta é, em geral, a relação que existe entre os representantes políticos e literários de uma classe e a classe que representam. (Marx, 1852, p.18)

Sob a ótica do materialismo dialético a estratificação social ocorre pela desigualdade social, resultante da separação entre meios produtores e forças produtoras materiais. Essa divisão promove o conflito entre as classes, culminando na dominação de uma sobre a outra.

Outro ponto de vista relacionado a estratificação social, advém do funcionalismo. Na lógica funcionalista, a estratificação social tem uma função, qual seja organizar a vida social. Uma sociedade estratificada se deve a diferenciação das funções dos indivíduos para o funcionamento do corpo social.

Deve-se destacar ainda, outro aspecto da estratificação social, conectado as fontes de riqueza e prestígio. Enquanto a riqueza estratifica a sociedade em classes, o prestígio estratifica em *status*, são estes aspectos que organizam as hierarquias sociais e distribuem o poder entre os membros da sociedade.

Por último, evidenciaremos, que a compreensão da estratificação social pode ser observada pelo estilo de vida, hábitos e experiências dos indivíduos quando

¹⁰ Por exemplo um gerente de banco e o caixa de atendimento do banco: ambos compartilham o mesmo espaço social, mas estão em posições hierárquicas de prestígio diferentes. Pode haver diferenças quanto ao ganho monetário, porém os dois não são donos do banco (esse está em outra ordem social de prestígio e de riqueza).

¹¹ Grifo da autora.

vivem em sociedade. Dessa maneira, a estratificação é definida pela interação dos indivíduos com outros indivíduos, bens materiais e imateriais¹².

Portanto, a estratificação social irá ocorrer quando houver desigualdade, diferenciação, hierarquização e interação entre os indivíduos que formam os diversos grupos sociais.

Para melhor entender os processos de estratificação social com a teoria sociológica clássica, segue o esquema abaixo:

Quadro 1- Ideia central de estratificação social de acordo com autores clássicos da sociologia

Estratificação social	Marx	Weber	Durkheim	Simmel
	Desigualdade social e econômica.	Hierarquia social	Diferenciação social	Interação social

Fonte: elaboração da autora.

Um dos pontos de discussão entre os autores clássicos, sobretudo Marx e Weber, diz respeito a reflexão de qual classe social reúne condições para dirigir o Estado. Weber aponta que a classe operária na Inglaterra e na França conseguiram alcançar tais condições emergindo ao poder político, diferentemente da classe operária alemã. Entretanto, Marx, como já foi elucidado em outra parte deste texto, mostrou que a classe operária na França não conseguiu se fazer representar nas esferas do poder político, ficando a cargo da burguesia tal função.

Marx salienta que a classe operária deve lutar com a classe burguesa e assim alcançar o poder. O proletariado seria a última classe a deter o poder político, para logo após inaugurar uma sociedade sem classes. Somente uma sociedade sem classes, garantiria a justiça e o equilíbrio de oportunidades entre os indivíduos.

Simmel, acredita, que as classes sociais e/ou políticas seriam organizadas para ordenar o espaço urbano e as relações entre os homens. Contudo, o indivíduo para conseguir realizar alguma interferência – mudança – na vida social precisa ser possuidor de capital econômico e/ou cultural. Deste ponto de vista, a classe operária também ficaria à margem do exercício de influência política e do poder.

Para Simmel o tamanho do grupo é essencial para o exercício do poder. Um grupo muito grande de indivíduos possui interesses heterogêneos o que dificultariam a ação. A formação social se daria através de círculos pequenos de pessoas que interagem entre si. O comportamento destas pessoas e ações são restritos e limitados por condições impostas por determinados contextos sociais. Portanto, a sociedade seria a interação de suas partes que produzem fatos históricos.

3. CONCLUSÃO

Enquanto uma análise sob a ótica de Weber e Simmel focam nos aspectos subjetivos do poder, enfatizando as características sócioeconômicas de “quem” governa, a perspectiva marxista e durkheimiana salientam que a posição estrutural

¹² Crenças e cultura por exemplo.

e a função dos agentes políticos é fundamental para a organização do Estado e da sociedade em geral, independente da origem social.

De acordo com os autores analisados, a contribuição para estudar elites políticas pode ser dar no exame de categorias que caracterizam esse grupo, sendo: riqueza, hereditariedade, funções ocupadas, identidade do grupo e distinção/prestígio pontos passíveis de serem verificados na formação das elites políticas. Cada autor contribui para analisar cada um desses aspectos. Para as pesquisas sobre elites políticas, seria um reducionismo metodológico, priorizar somente um desses pontos e ignorar os demais.

Noronha (2008), num esforço de compreender a categoria elite política, procura identificar a atuação desse grupo nas diversas esferas da sociedade. Para tal revisa as noções de elite política, o papel desta na formação do Estado nação e a atuação dessa elite na dinâmica social através das obras de Marx, Weber, Durkheim e Simmel.

A noção de elite política é vinculada a ideia, de que, um grupo minoritário de indivíduos exercerem o poder. Esse grupo é restrito em tamanho e alcance, no sentido de que, participar desse grupo exige condições específicas materiais ou culturais.

Apesar da amplitude do conceito de elite política, e mesmo assim ainda não se chegar a conclusão sobre isso, pode-se apontar alguns pontos principais para delimitar as dimensões do debate sobre o assunto, por exemplo: 1) capacidade de organização; 2) ocupação de postos de poder; 3) influência em decisões que impactam a sociedade; 4) vinculação a estratos ou classes sociais de modo a representá-los.

Ao estudar a elite política brasileira Leônicio Martins Rodrigues retoma as categorias de análise de estratificação e classe social salientando:

No sentido comum, e também mais próximo da academia o conceito de classe social tem relação com categorias ocupacionais, como localização no modo de produção (na abordagem mais marxista) ou no sistema de estratificação social (numa terminologia mais próxima da sociologia empírica norte-americana). O conceito de classe tem, assim, uma "marca econômica, de algum modo referida por clivagens que decorrem de diferenças na profissão, ocupação, ramo econômico, riqueza, níveis de consumo etc. Outras clivagens, como níveis e estilo de consumo, valores, entre outras, viriam como decorrência. Clivagens étnicas, religiosas, de gênero ou de região estariam excluídas. (Rodrigues, 2014, p. 39)

Na citação acima, podemos verificar a utilização dos conceitos de classe, identidade e estratificação social na elaboração dos autores clássicos da sociologia aplicados a pesquisa empírica sobre as elites políticas. Essa passagem resume genericamente as ideias dos autores utilizados neste trabalho e como as categorias analíticas podem ser utilizadas no debate sobre o tema.

O quadro resumo abaixo oferece de maneira didática uma visualização das concepções de Marx, Weber, Durkheim e Simmel que contribuem para o estudo das elites políticas:

Quadro 2 - Contribuição dos autores clássicos para o estudo de elites políticas.

Marx	Weber	Durkheim	Simmel
Localização do indivíduo no modo de produção.	Origem social (prestígio e <i>status</i>) dentro do grupo de acordo com recursos disponíveis.	Função social a ser desempenhada dentro da comunidade.	Modo de reprodução da vida social de acordo com bens materiais ou imateriais disponíveis.

Fonte: elaboração da autora.

Portanto, para ter como objeto de pesquisa as elites políticas é necessário delimitar conceitualmente quem são essas elites e como se formam. As teorias sociológicas clássicas expostas neste trabalho introduzem dimensões teóricas para tal. Se, por um lado, a discussão, nos permite averiguar a formação das elites sob as bases materiais de existência, por outro oferece condições de refletir as condições de existência pautadas na ação e na interação social. Ambos os aspectos permitem ao analista verificar a formação dos grupos e classes dirigentes no Estado nação moderno.

REFERÊNCIAS

- BÁBARA, Lenin Bicudo. **A vida e as forma da sociologia de Simmel.** Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v. 26, n. 2, p. 89-107, nov. 2014.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio.** 8. ed: Lisboa, novembro, 2007.
- HOLLANDA, Cristina Buarque de. **Teoria das elites.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011
- MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luis Bonaparte.** Versão digital, 1852.
- NORONHA, Adrius Estevam. **Análise teórica sobre a categoria “elite política” e seu engajamento nas intituições da comunidade.** Barbarói (UNISC. Online), v. 1, p. 24/29-45, 2008.
- QUINTANEIRO, Tânia. **Um toque de clássicos:** Marxx, Durkheim e Weber. 2. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- PERISSINOTO, Renato. **As elites políticas:** questões de teoria e método. Curitiba: Ed. IBPEX, 2009.
- RODRIGUES, Leônio Martins. **Partidos, ideologia e composição social.** São Paulo : EDUSP, 2002
- _____. **Pobres e ricos na luta pelo poder.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, , 2014.
- POLLAK, Michael. **Elementos para uma biografia sociointelectual (parte I).** Mana. 1996, vol. 2, n. 1, pp. 59-96.
- _____. **Max Weber:** elementos de uma biografia sociointelectual (parte II). Mana (online). 1996, vol.2, n.2 [cited 2012-04-12], pp. 85-113.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito.** (1903). Mana 11 (2), p. 577-591, 2005.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia.** São Paulo: Editora Moraes, 1987.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1987.